



Director literario:

Accompagné
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwards
PAPUSSE

A Visão de Noël

por Augusta Gonçalves Costa

ilustrações de E. O.



NOÉL, era um menino inteligente e aplicado. Dotado de muito bom coração, era estimado por tôdas as pessoas que de perto o conheciam. Criado num meio bastante elevado, pois era filho dum titular, ele não desdenhava privar com os seus discípulos ainda os mais humildes.

Quando começa esta narração, saía Noël do colégio, em goso das férias do Natal. Ia radiante, porque a sua avó pa-

terna, o convidára, a ir passar esta época no seu castelo na Bretanha. Seus pais retidos na cidade, por uma festa de caridade a que não podiam faltar, deixavam-no seguir viagem, acompanhado por sua antiga aia. A estação do caminho de ferro mais próxima que distava do velho solar, foi esperá-lo um coche do castelo, com dois criados.

As primeiras horas, decorreram sem incidentes, mas, ao cair da noite, uma tempestade de neve os surpreendeu, a ponto de ser difficilimo os cavalos seguirem. De súbito, pararam e o cocheiro, verificando do que se tratava, aproximou-se da portinhola e disse: — «Senhora Josefina, é impossivel continuarmos a viajar. Um cavallo desferrou-se, as rodas atascaram-se na neve e convenco-me de que, enquanto não deixar de nevar, será inútil tentar continuar a jornada».

Josefina, muito aflita, respondeu: — «Valha-nos Deus! A senhora marquezia que esperava passar a noite do Natal com o menino Noël!» Então, Luís interveiu, perguntando: — «Vamos passar a noite aqui na estrada?...» — «Isso não menino Noël. Aqui perto, vejo uma casinha de regular aparência onde, decerto, nos darão hospitalidade».

Josefina, muito apouentada, desceu do carro, acompanhada do rapazinho, envolto em abafos e seguidos do criado dirigiram-se à pequena casa, situada à beira da estrada e onde, através as frinchas das portas, se divisava luz.

Luís bateu à porta e, aberta esta, appareceu no limiar uma mulher nova vestida de preto, que, ao facto do ocorrido, respondeu com modo triste mas afável:

— «Sejam bemvidos! Só lamento ser fraca a hos-



pitalidade, mas creiam que lha ofereço com a maior boa vontade».

O pequeno Noël e a sua aia, entraram numa vasta sala, onde, a um canto, havia um grande fogão sem lume e que a hospedeira se apressou a acender.

Ao vêr entrar os visitantes, levantou-se duma cadeira onde estava assentada, uma linda criança, cujos olhos negros fitaram os visitantes com curiosidade e que, ao verem o menino, se alegraram.

Enquanto sua mãe preparava uma ligeira refeição aos seus hóspedes, aproximou-se de Noël e perguntou-lhe: — «quem és tu e como te chamas?...»

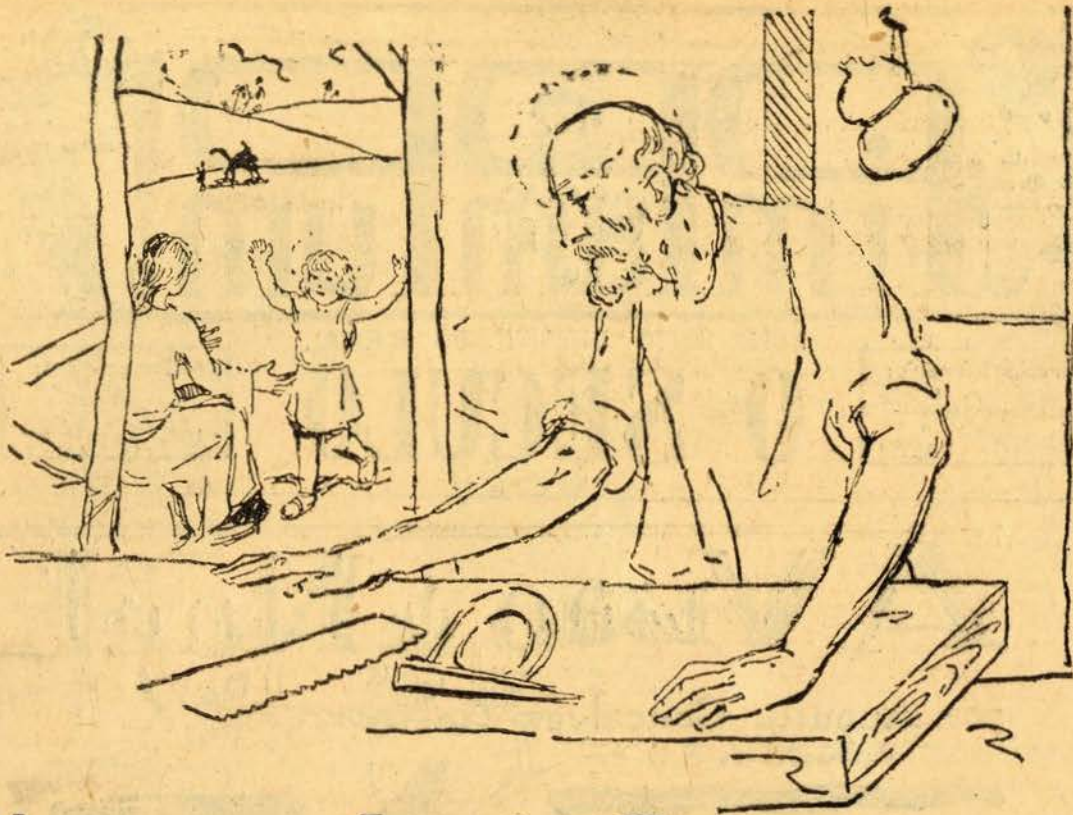
— «Chamo-me Noël, minha pequenina, e (sentando-a nos joelhos, perguntou-lhe por sua vez): e tu como te chamas?»

— «Eu sou Natália da mamã e faço 5 anos esta noite, pois trouxe-me um menino Jesus».

— «Tem graça, (respondeu-lhe o pequeno), eu faço 12 amanhã!»

Natália batendo as palmas, desatou a rir ás gargalhadas. Mas, de súbito, pôs-se muito séria. — «Eu a rir e a mamã tão triste!»

Continua na página 3



MESTRE JOSÉ CARPINTEIRO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
 Esboçeto de EDUARDO MALTA

MESTRE José, carpinteiro,
 à porta do seu tugúrio,
 sôb o murmúrio

das aves
 que, docemente, suaves,
 vão de poleiro em poleiro,
 e entre as traves
 dum madeiro,
 que aplaina, serra, batuca,
 o dia inteiro
 trabuca
 sem descansar um momento.

Pertinho, a Virgem Maria,
 ouvindo o brando lamento
 duma pipilante alvéola
 pousada na ramaria,
 distrai, diverte, entretém

o seu Menino Jesus
 que entre uma auréola
 de luz,
 sorri para a Virgem Mãe.

Entanto, por longes terras,
 vales, montanhas e serras,
 ressôa,
 ecôa,
 rebôa,
 como estranha profecia,
 a grande nova imprevista
 que João Baptista
 anuncia:

—«É nascido o Rei dos reis,

*o Impêrador
 das almas,
 que, entre louros e palmas
 e espinhos e abrolhos,
 ditará novas leis
 à Humanidade!
 Abri-vos olhos
 ao sentido
 profundo
 da Verdade!
 É já nascido
 o Salvador
 do mundo !!»*

Das regiões
 vizinhas,
 acorrem multidões,
 legiões

de ouvintes,
escravos, servos, pedintes,
desamparadas alminhas,
oprimidas
pelo desígnio acerbo
do Destino,
e atraídas
pelo condão divino
do seu fecundo
Verbo:

—«É já nascido o salvador
do mundo!»

*
* * *

por um divino
mensageiro aviso,
ante o sorriso
do menino,
chora!

Em seu rosto inocente,
uma lágrima rola
como gôta de orvalho
à luz da Aurora!
Perto arrulha uma rôla,
continuam saltando os passa-
rinhos

galho em galho,
prosegue S. José em seu E, enquanto a Virgem canta,
trabalho... o Menino adormece.

giram, ao longe, as velas dos
moinhos...
Erguendo o olhar aos céus,
Nossa Senhora
ora
agora:
—«Louvado seja Deus!...»

Mas já, findando a prece,
súbito a Virgem Santa,
inda chorando, canta
uma canção que enternece!...

Maria,
todavia,
já sciente
da estranha profecia

■ F I M ■

A VISÃO DE NOEL

Continuação da página 1

Noél reparou na fisionomia dolorida da mãe da pequenita e perguntou-lhe baixinho: — «E porque chora a tua mamã?...»

Natalinha recostou a cabecita de lindos caracóis louros, ao peito do rapazinho e disse-lhe misteriosamente: — «O papá foi para muito lon... on... on... ge e já não volta e um homem mau, quer tirar-nos a nossa casinha e a mamã não tem para onde ir comigo e chora muito».

O pequeno comovido, compreendeu que um drama se

desenrolava na pequena habitação, onde, acidentalmente, viera passar a noite de Natal.

Esqueceu, então, a mágua com que ali entrara, a sua alegria em ir passar as férias ao castelo de sua avó, a festa que ali o esperava, a missa na capela do solar, a árvore do Natal e os seus folguedos nas áreas do frondoso parque, tudo, momentaneamente olvidou, para pensar na linda

Continua na página 3





Era uma vez...

HISTORIA DUM ANJO

Por GAROTA ENDIABRADA

Desenhos de ED. MALTA

Foi num lindissimo dia de Maio, que se passou o que vou tentar escrever fielmente, quero dizer, reproduzir o melhor possivel, o encantador espectáculo a que assisti. Estava num delicioso jardim, admiravelmente tratado e cuidado, que revelava pertencer a uma familia distinta e rica.

A um lado, num formosissimo senario de lenda, extraordinariamente belo, encontravam-se duas criancas idealmente lindas e quasi da mesma idade.

Mas que diferenca entre as duas!

Uma estava ricamente vestida, de lindo fatinho cor de rosa, enfeitado a preciosas rendas, que mais azia realcar o encanto do seu corpo gracil de

garota e a extraordinaria vivacidade, ativa e arrogante, dos seus olhos negros admiraveis, profundos! Os cabelos pretos em grandes caracois, completavam o conjunto deveras gracioso do seu rosto, e davam-lhe o ar de pequena rainha, obedecida e respeitada.

Se reparassemos, porém, na outra crianca, maior seria ainda o nosso assombro e admiracao!... Era lindissima! Magra e palida, labios tremulos exangues, tinha, a-pesar-de tudo, um rosto que atraia irresistivelmente. Divinalmente branca, de feicoes, correctissimas e impecaveis, nesta crianca havia qualquer cousa de etereo, de muito puro,





que a fazia parecer quasi uma aparição de um conto de fadas! Andrajosa, quasi nua, a pobresinha era, todavia, um encanto! No rosto meigo e delicado, lindos olhos azuis, inocentes, affectuosos, e, a rodea-la, fulgurantes cabelos loiros que lhe caiam em madeixas livres sobre os ombros.

Brincavam as duas,

Julieta, a menina rica, encontrava, por acaso, a pobre, no jardim, e entretinha-se mostrando, vaidosa, uma lindissima e enorme boneca com que o pai a brindara no dia dos anos.

— «Vês como é linda — (dizia). E' minha. E tenho muitas mais; quasi chego a aborrecer-me de tantos brinquedos...» Entretanto, a pobre olhava-a com grandes olhos húmidos, espantados, e exclamou:

— «Quem me dera ter uma assim!»

— «Tu?! — (gargalhou a outra) — uma boneca destas para ti! E's tonta!... Vê que não passas duma mendiga» — disse desdenhosa. A pobre, envergonhada, curvou a formosa cabeça e uma lágrima triste rolou, então pelas suas faces, pálidas, de rara belesa.

Entanto... uma cousa lhes chamou a atenção. Um velho pedinte passou por elas e estendeu a mão a Julieta. Vaidosamente, a pequena tirou da sua malinha de prata, uma moeda que deu ao velhote, ao mesmo tempo que, sorrindo, irónica voltando-se para o póbresinho, dizia:

— «A nós, ricas, ainda nos é dado o prazer

de dar esmolas, ao passo que vocês, os pobres, nada podem dar...»

Sorriu levemente a criança pobre; num gesto meigo, chegou-se ao velhinho e, carinhosa, envolveu-o num grande abraço, numa caricia, dizendo:

— «Deixe-me abraçá-lo, meu irmão!» Os olhos do velho encheram-se de lágrimas e estreitou, comovidamente, aquele anjo que lhe dera muito, mas muito mais, de que a orgulhosa menina! Oh! quanto mais agradecia elle aquele meigo afago, de suave amizade, de que a moeda que recebera!

Entretanto, Julieta olhava aquella scena, muda de espanto, e comprehendera, em fim, que os pobres também teem uma consolação: a de se amarem uns aos outros! Vagarosamente, envergonhada de si própria, retirou-se mas deixou delicadamente no regaço da pobre a boneca desejada.

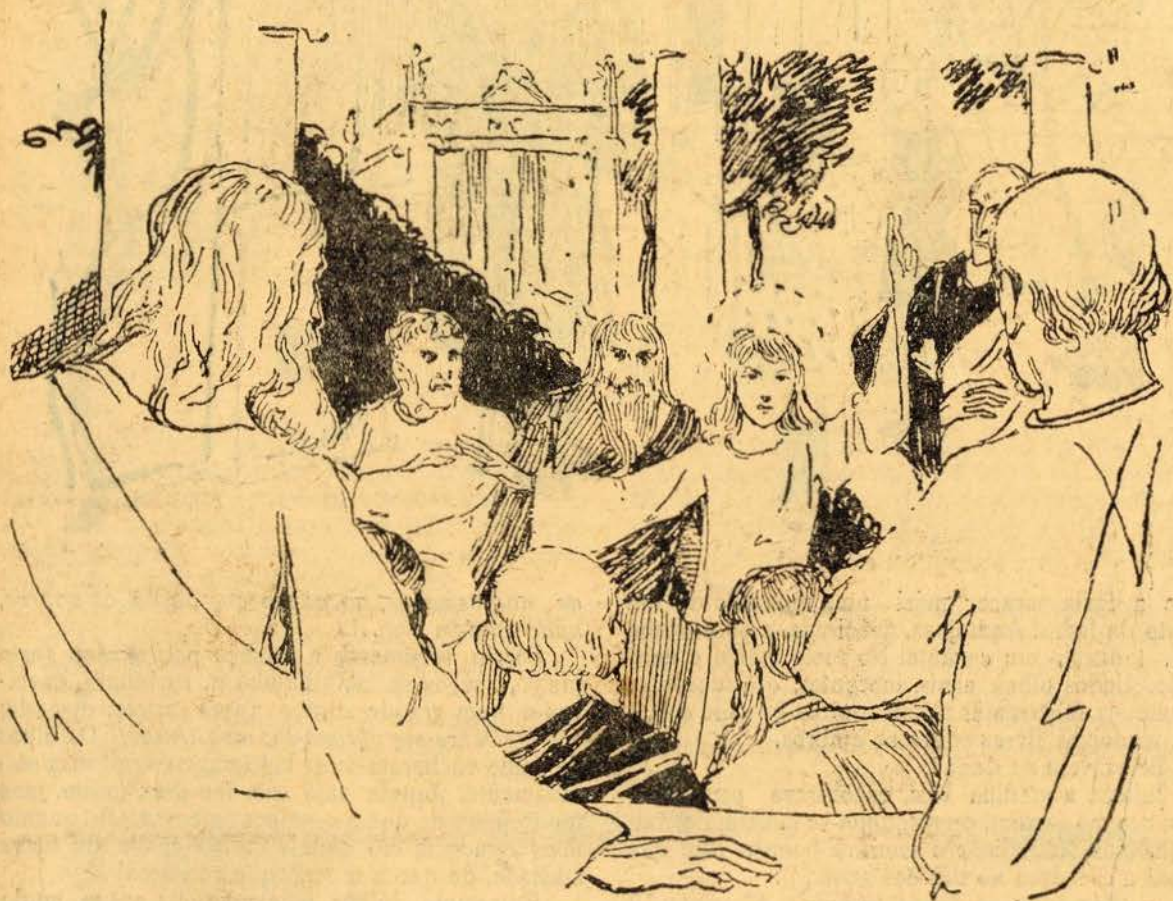
Desde esse dia, Julieta tornou-se uma excelente aluna e o seu coração soube, finalmente o que era a maior satisfação: a Caridade. A seu pedido, os Pais recolheram a criança pobre de quem se tornou muito amiga, e ainda mais tarde, já mulheres, recordavam aquelle lindo dia de Maio que as tornara tão felizes a ambas.

Devo-te tudo, todo o meu bem estar — (dizia a que fôra pobre, reconhecida).

— «Não, meu anjo, repara: a ti é que eu devo toda a minha Felicidade, porque me mostraste a bondade de ama e o amor e o carinho que devemos ao próximo.

F I M

O MENINO ENTRE OS DOUTORES



Por AUGUSTO SANTA-RITA

Esboçeto de EDUARDO MALTA

NUM importante concílio de sábios na antiga Hebréa, onde se versava, então, —(aguardando o belo auxílio duma inspiradora idéa) — a justa interpretação de obras de Horácio e Virgílio, entrou Jesus certo dia, nos áureos tempos da Infância, fustando-se à vigilância da Santa Virgem Maria.

Os trinta doutos talentos

com suas togas de sábios, suspensos dos próprios lábios expunham seus argumentos, nem reparando sequer na indiscrição do Menino que embora com muito tino mal ainda sabia ler. Subitamente, porém, o filho da Virgem Mãe, subindo acima dum banco, as atenções despertou e num eloquente arranco de inspiração discursou.

Falou, orou meia hora, como se fora formado e houvesse já consultado os fólios dos alfarrábios. Surpreendidos os sábios por tão precoce eloquência, rendidos ao seu prestígio, curvaram-se em reverência ante o Menino-prodígio.

F I M

PALAVRAS CRUZADAS

HORA DE RECREIO

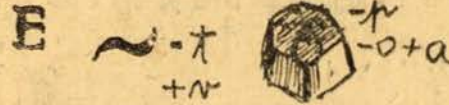
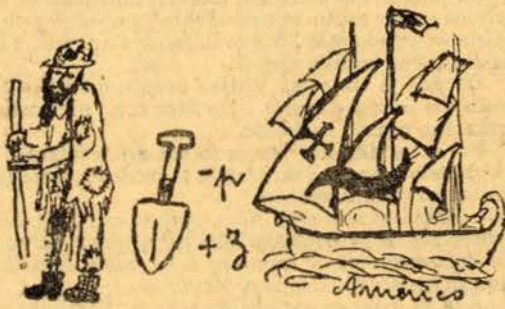
R ¹²	A ⁹	M ⁶	A ¹
I ¹¹	U ¹⁰	A ¹⁰	M ²
O ¹³	T ¹³	R ⁹	A ³
T ¹³	O ¹³	O ¹⁰	N ⁴
I ¹¹	A ¹¹	I ¹¹	D ⁴
O ¹²	R ¹²	O ⁸	O ⁸

SOLUÇÃO DO ANTERIOR

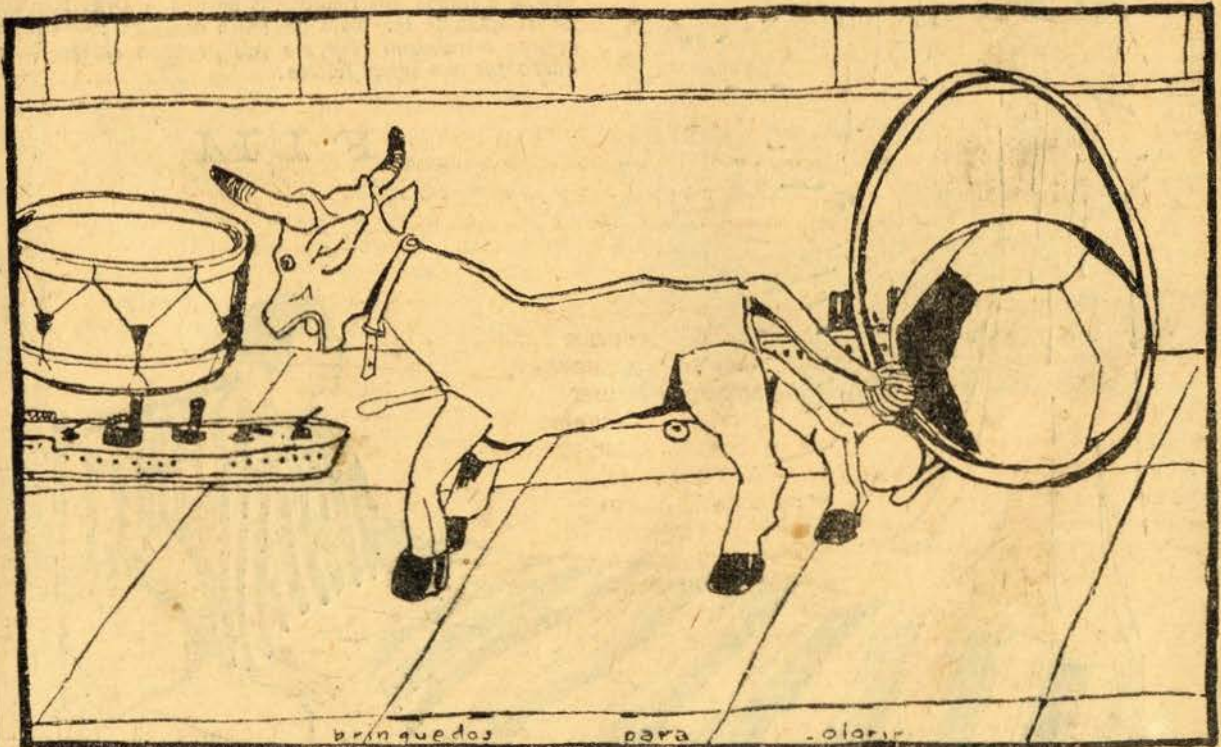


ADIVINHA:
 -Juntara terminação 'CO'
 uma sílaba de maneira a formar sinónimos das seguintes palavras:

1— boca das aves. 2— bocado de loiça 3— ave.
 4— bocado de pão. 5— forma do verbo ficar. 6— fogacho que se acende de noite para servir de guia aos marinheiros.



SOLUÇÃO DA ADIVINHA ANTERIOR:
 1— lar
 2— mar
 3— par
 4— dar



brinquedos para colorir

■ ■ ■ A VISÃO DE NOEL ■ ■ ■

(Continuação da 3.^a pagina)

criança que o prendia, com as suas meigas carícias e o seu sorriso de anjo, no drama, enfim, que pressentia.

Quando, mais tarde, no melhor quarto, Josefina lhe preparava a toilette nocturna, perguntou-lhe: «*Fifina, porque é tão triste a nossa hosaneira?*...»

— *É uma história bem dolorosa, meu menino. A pobre criatura, vivia aqui muito feliz, até que uma implacável aoeira atacou o marido. O tratamento levou-lhe todos os recursos, tendo, por fim, de contrair uma dívida, que aumentou com a despesa do funeral, pois o pobre rapaz, acabou de sofrer há dois mezes. Agora o credor, que lhe cobiça a casinha com o seu jardimzito e a geira de terra que a roueta, exige o dinheiro porque sabe que ela o não tem, e amanhã é leilão ao tuao isto e a desventurada irá com a filhinha para a rua.*

— *«Dize, quanto é a importância da dívida?»*

— *«São perto de quatro mil escudos, menino.»*

Pouco depois, Noël na humilde caminha, pensava na narração de Fifina e aquela importância, dançava-lhe no pensamento. Era, precisamente, a quantia que seu pai lhe oferecera, em recompensa do seu bom comportamento escolar, para comprar um cavalo para os seus passeios. Levava-a consigo, para o palafreireiro do castelo se encarregar dessa missão. E lembrava-lhe a alegria daquela infeliz se lhe desse o seu dinheiro, mas a máguia por perder o seu cavalo, fazia-o hesitar.

Nisto, uma claridade estranha, inundou o quarto e Noël viu junto do seu leito, um menino, de faces pálidas e fei-

ções lindas. Uma túnica branca, cobria-o até aos pés descalços e os cabelos, castanhos claros, caíam-lhe sobre os ombros, tendo a cabeça rodeada por uma auréola de luz. Numa voz de timbre suave e de doce encanto, disse: — «*Noél, no teu coração há tesouros de bondade, o teu pensamento hesita entre o bem e o mal. Segue o bem, que só ele te dará felicidade. A criancinha que dorme aíem, precisa da tua protecção: dá-lh'a e sentirás a profunda alegria, que o teu capricho nunca poderia trazer-te. Sé sempre bom, generoso e grande e eu te compensarei.*»

Noél, ao principio surpreso, sentou-se na cama e, ouvindo estas últimas palavras, estendeu as mãos à linda visão, mas já esta desaparecera: contudo o resplendor que rodeava a cabeça angélica do Menino, lá estava e o quarto continuava inundado de luz. Então, o rapazinho dominado por extraordinária comoção, saltou da cama, pegou no casaco de peles, tirou duma algibeira interior a sua pequena carteira de monograma dourado e, de dentro desta, quatro notas de mil escudos. Dobrou-as muito bem e, saindo do quarto, desceu uma pequena escada, entrou na sala do rés do chão.

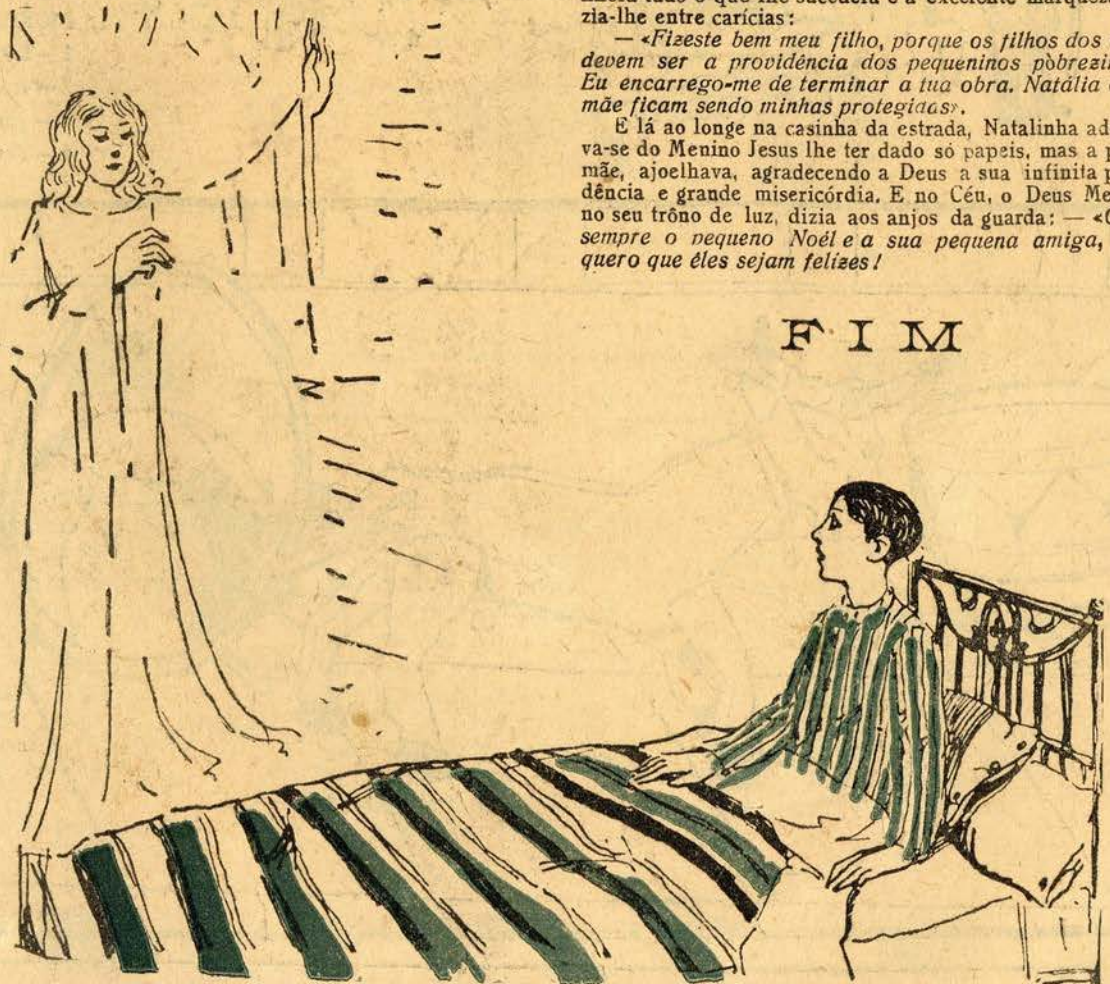
Na lareira, quasi extinta, estava o sapatinho de Natália. Introduziu-lhe dentro as notas dobradas e voltou pelo mesmo caminho, guiado pela luz que iluminava o quarto, e levando na alma uma infinita alegria.

Quando já na cama tentava dormir, um beijo, tão leve como um ósculo da brisa e tão doce como uma carícia materna, lhe pousou na fronte.

No outro dia, nos braços da sua avó, contava à boa senhora tudo o que lhe sucedera e a excelente marquezia, dizia-lhe entre carícias:

— *«Fizeste bem meu filho, porque os filhos dos ricos devem ser a providência dos pequeninos pobresinhos. Eu encarrego-me de terminar a tua obra. Natália e sua mãe ficam sendo minhas protegidas.»*

E lá ao longe na casinha da estrada, Natalinha admirava-se do Menino Jesus lhe ter dado só papeis, mas a pobre mãe, ajoelhava, agradecendo a Deus a sua infinita providência e grande misericórdia. E no Céu, o Deus Menino, no seu trono de luz, dizia aos anjos da guarda: — *«Guiai sempre o pequeno Noël e a sua pequena amiga, pois quero que elles sejam felizes!*



F I M